



A QUEIMADA

José Mattos

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Marta Aguiar

IMAGEM DA CAPA: Unsplash.com (Raquel Raclette)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M444q MATTOS, José. 1964
A Queimada / José Mattos – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
140 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-471-6

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1.

TEMPESTADES

Resmungou um “ai” espremido entre os dentes ao atirar-se na tarimba de colchão de palha. Sonolento, e com os olhos fechados, passou os dedos nas costelas feridas pelos nós das palhas de milho que recheavam o colchão. Esfregou por um tempo a mão aberta sobre as marcas roxas doloridas. Com o alívio chegou também a lembrança do dia em que a empreitada era desfiar palhas para o enchimento do grande pano florido em forma de saco. Depois de costuradas as bordas, levava uma surra de varas para quebrar os caroços que ficavam escondidos nas palhas e sair o pó. Logo após, era deixado um dia inteiro ao sol para tirar a umidade.

“Deixem de preguiça! Rasguem bem fininho essas palhas, são vocês que vão dormir em cima dele. Se ficar caroços, não venham reclamar depois!” Alertava a mãe, com um meio riso retorcido no canto da boca, já sabendo que de nada adiantaria a advertência e o resultado seria mais um ano de reclamações.

Prometeu a si mesmo que na próxima colheita seria mais cuidadoso e fiscalizaria os irmãos, para não ter de passar mais um ano sendo castigado pelo que deveria ser seu descanso, impedindo-o inclusive de sonhar.

Ultimamente eles vinham em pedaços, esfarrapados. Às vezes passava o dia inteiro, e até semana, tentando remendar um sonho. Algumas vezes, de posse de um saco velho, fugia para ir deitar-se sob o pé de jamelão. Ficava horas de olhos fechados! Em cima, nos galhos, os passarinhos faziam farra entre a folhagem... Não conseguia dormir! Às vezes tirava uns cochilos. Nada que desse para resgatar um sonho. Voltava chateado. Pensou que a colheita ainda estava distante, contando nos dedos os meses que faltavam.

Descobrimo a cabeça, olhou por entre os vãos da parede de taipa. Respirou fundo e sentiu o ar que chegava de fora, refrescando por dentro. Mais adiante os cavalos anunciaram o dia em disparada com a cauda nas costas e empertigaram-se majestosos. O tropel oscilava indo e vindo pela manhã. No horizonte, a neblina densa e branca revestia os morros que, com sua imponência, retardavam o nascer do sol. O lençol branco da neblina descia até a beira do grande lago remexido com a revoada dos paturis.

Enquanto isso, na cozinha, a mulher cutucava os tições no fogão de lenha. O lenço amarrado na cabeça combinando com o vestido que cosera a custo de muitas espetadas nos dedos. A fumaça agitada ia ocupando os cômodos da casa, saindo pelas frestas. Com movimentos insinuantes se espalhava suspensa sobre a vegetação.

Volta e meia espichava os olhos através das frestas da parede de pau a pique para ver as nuvens que se avolumavam para os lados do morro, atrás do grande lago. Os pedaços de lenha começaram a chiar com a caloria, e a madeira aos poucos se transformou em vivas brasas. O cheiro do toucinho defumado, estendido no varal sobre o fogão, exalava arredor.

Era Outubro. Uma manhã difícil de labuta, mesmo para quem desde a infância estava acostumado às refregas de tantas manhãs como esta. Nem chegara aos cinquenta anos, mas sentia-se como sobrevivente de muitos mundos!... Arredou-se um pouco para o lado, deixando passagem para o marido que saiu pela porta, abaixando-se para não bater com a cabeça no batente segurando com uma das mãos o chapéu. A mulher deteve-se por um momento dos afazeres para acompanhar com as vistas o marido se afastar com passos pesados, acompanhado pelo cão.

Ainda com a imagem do marido aos poucos sendo engolido pela vegetação, endireitou o corpo, colocou as duas mãos nas cadeiras forçando o corpo para trás. Ouviu as juntas estalando e, experimentou um pequeno alívio nas costas, olhando para o rumo do quarto enquanto alisava o fogão com o barro que havia buscado da nascente com uma bacia de alumínio, remendada com madeira no fundo.

O calor do fogão começava a incomodar, mas isso era bom para secar mais rapidamente a camada fina que espalhara por toda a superfície.

Na volta, tinha as mãos livres enquanto assoviava. Uma rodilha de trapo garantia o equilíbrio da bacia so-

bre a cabeça. Tudo feito! O fogão ficou branquinho como novo. A mulher, orgulhosa da sua obra, cruzou os braços e a admirou. Sorriu levando a mão à boca.

Quase vencido pela sonolência o menino ouviu ecoar ao longe um chape-chape das chinelas de couro, no chão batido, se aproximando. Por mais que forçasse, a demência o impedia de abrir os olhos. Um puxão repentino levou o lençol que o cobria:

– Levanta, seu preguiça!

– Já levanto, mãe! – Respondeu de susto sentando-se na tarimba como que acionado por uma mola. O maior desejo era ficar ali, entre sonho e realidade, passeando em liberdade na qual só na imaginação é possível; sentindo a brisa fresca que invadia o aposento através das brechas. A noite havia sido terrivelmente quente. Recordou os sonhos que o perseguiram pela noite adentro e seu corpo inteiro vibrou num tremor.

Em seguida, um calafrio cavalgou disparado na sua cacunda, arrepiando todos os pelos do corpo. Havia dormido todo encolhido com o queixo batendo nos joelhos, cabeça coberta. Apesar do calor sufocante e os pulmões suplicando por ar, mantinha-se enclausurado. Ainda assim, via grotescas criaturas circular pelo terreiro. Na tocaia, a criatura esperava que ele olhasse para fora uma única vez, para olhar de volta, dentro dos seus olhos; fazer morada dentro dele para sempre.

Ainda estremunhado de sono, esfregando os olhos com as costas das mãos, caminhou tropeçando nas ramagens à beira do trieiro que conduzia ao pequeno riacho, impulsionado pelo instinto. Sentia o corpo cansado só de

respirar, ainda as marcas do colchão e os devaneios da noite mal dormida, causava sobressaltos – Com o tempo o colchão começa a exalar um pó que irrita o corpo inteiro espalhando uma coceira danada – Concordou que estava na hora de trocar as palhas. Mas a colheita do milho ainda estava longe...

Aparecer uma visita não era coisa frequente naquela região. Quando acontecia, vez ou outra, reuniam-se sob a frondosa paineira para colocarem em dia as novidades, contar causos de assombração e queimar fumos de corda empestecendo tudo ao redor com a fumaça. As mulheres, na cozinha, entretinham-se com seus mexericos, risos e, em hipótese alguma, se aproximavam da paineira, sítio sagrado dos homens. Cuidavam, como ainda cuidam, de suas funções: socar arroz no pilão, descascar milho verde. As meninas brincavam de fabricar bonecas com cabelos das espigas dos milhos! Os moços eram encarregados da captura dos frangos para o almoço.

Dava-se início ao tropel dos meninos atropelando os frangos, cachorro latindo e o farfalhar do bater de asas em fuga desesperada. Às vezes acontecia de capturar o frango errado:

– Esse não, capeta! Teu pai vai deixar esse para galo. Pega aquele do pescoço pelado, lá ó! – Quando pegavam um bom tomavam o bicho na mão, apalpando, sope-sando, adivinhando o peso “Esse tá bom!”

Em seguida, com uma mão segurando os pés e a outra pegando na cabeça, de um golpe destroncava o pescoço, pendurava de cabeça para baixo e aguardavam o bicho se debater. A agitação ia diminuindo até derrear as asas e

cessar. O pescoço inchado dobrava o tamanho, empapuçado de sangue.

O menino ficava fascinado com o abate! Entretia-se olhando a ave pendurada de cabeça para baixo com o pescoço inchando, inchando e debatendo-se, aflita. Depois de pronto não se importava com outro pedaço. Comia emburrado quando não sobrava para ele o pescoço.

– Menino besta, onde já se viu gostar de pescoço? – indignava-se a sua mãe.

Depois eram liberados para jogar bolinha de gude ou futebol com bola de meia num dos poucos momentos de descontração naquela região erma dos Buritis.

Na volta pela trilha que o levava, já com o rosto limpo, viu a irmã brincando com as galinhas. Pegou uma espiga de milho e estava tentando debulhar. As aves pulavam e esvoaçavam ao redor tentando bicar os grãos. Assustada ela iniciou deixando para trás uma trilha de grãos e os bichos a seguiam por onde ia. Sua atenção foi desviada para um frangote abandonado, perdido no capim (presa fácil de cobra ou gavião). Levou de volta à mãe, que reagiu hostil avançando contra ele com asas abertas, em defesa do filhote.

– Viada! – resmungou soltando o pintinho que logo acompanhou a galinha.

Dirigiu-se ao paiol, encheu o balaio com milho e foi dar comer aos porcos. Enquanto derramava milho nos cochos observou que o tempo tomava outro aspecto. O sol, que apareceu inibido, havia se debandado. O vento rugiu mais forte retorcendo as copas mais altas dos arvoredos, fazendo-os dançar em rodopios, e sua atenção foi atraída

pelos soluços da irmã, que fora perseguida por uma pata choca e choramingava com o rosto todo borrado. Esboçou um risinho diante da situação.

Sua mãe varria o chão com a vassoura de guanxuma e jogava água para baixar a poeira. Também cantarolava ao ritmo das vassouradas. O grasnado da ema mudou novamente a direção dos sentidos. Vinha de longe, como um lamento de dor.

A mãe dizia que era mau agouro e se benzia. Os grilos, que estrilavam exaltados, calaram-se. Em meio a esse intenso fluxo de sentimentos ouviu-se um estampido seco, ensurdecedor, que aconteceu longe e veio ecoando largamente pela mata, agitando uma revoada de pássaros. Com o coração aos saltos, alimentando certa aflição, correu para casa arrastando pelo braço a irmãzinha que ainda choramingava. Nada se via além do terreiro. A tempestade estrondou e caiu forte.

Os dois irmãos, sentados lado a lado, olhavam como que hipnotizados as poças que se formavam no terreiro. O vento invadiu o rancho sacudindo as palhas da cobertura e trouxe consigo uma neblina que chiava nas brasas. Do fogão escorriam filetes de barro como lágrimas brancas. A mãe, com o rosário entre os dedos, rezava à Santa Bárbara. A pequena chupando o polegar, olhinhos quase fechando de sono, não chorava mais. O menino, também cansado, começava a ser embalado pelo tropel da chuva quando num rompante assomou-se à porta aquele homenzarrão de pés descalços e roupa puída encharcada. Do chapéu de massa surrado descia uma bica água da chuva. Descansou a espingarda perto do fogão e deixou

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em janeiro de 2019.
